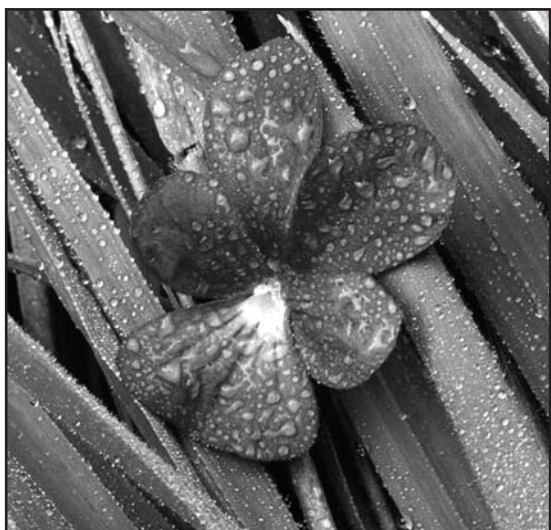


## PERFIL DOS HOMENS FORMADOS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1950-1990)

<sup>1</sup> Kleber de Souza Costa <sup>2</sup> Genival Fernandes de Freitas

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Enfermagem.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - Brasil



**PROFILE OF THE MEN FORMED (TRAINED) IN THE NURSING SCHOOL OF UNIVERSITY OF SAO PAULO (1950-1990)**

### ABSTRACT

Several authors point out that the male presence in nursing has been significant at certain times and historical contexts, or they were driven by religious piety and charity, or were taken by military obedience to superior orders or requirements of war. Because of this, we highlight the importance of studies on gender in nursing, how to identify and analyze what men were graduates of the School of Nursing at USP, in the period 1950 to 1990. As material and method, it is notable that the data was collected after obtaining the opinion of the Ethics in Research of EEUSP, being used for this purpose, an instrument previously developed and information was obtained through the formulary of graduated students at the

Service of Graduation of EEUSP, enabling thus raising socio-demographic data on the target population of the study, with respect to nationality, ethnicity, religion, marital status, considering also proportionality between men and women graduated from that school. The parents of graduated students were identified with data on educational level and profession. The study provided a better understanding of the profile of the population and revealed a great disproportion in the gender issue in nursing, because the majority of the graduates of this school are women, which is part of the phenomenon of the feminization of nursing, from the consolidation the paradigm of modern nursing.

**Key words:** History of Nursing, Men, Culture of Care.

**PERFIL DE LOS HOMBRES FORMADOS EN LA ESCUELA DE ENFERMERIA DE LA UNIVERSIDAD DE SAN PAULO (1950-1990)**

### RESUMEN

Varios autores señalan que la presencia masculina en la enfermería ha sido importante en ciertos momentos y contextos históricos, ellos fueron impulsados por la religiosidad y la caridad, o fueron militares tomados por la obediencia a las órdenes superiores o los requisitos de la guerra. Se destacó la importancia de los estudios sobre el género en la enfermería, siendo el presente estudio los objetivos de identificar y analizar cuales fueron los hombres egresados de la Escuela de Enfermería de la USP, en el período 1950 a 1990. Como material y método, cabe señalar que los datos fueron recogidos después de obtener el

parecer del Comité de Ética en Investigación de la EEUSP, siendo utilizados para este fin, un instrumento desarrollado previamente y se obtuvo las informaciones a través de las hojas de entrada antiguos alumnos junto al Servicio de la Graduación de la escuela mencionada, lo que permitió elevar los datos socio-demográficos sobre la población objeto del estudio, con respecto a la nacionalidad, etnia, religión, estado civil, considerando también la proporcionalidad entre hombres y mujeres que se graduaron de la escuela. Los padres de antiguos alumnos estudiados fueron identificados con los datos sobre el nivel educativo y profesión. El estudio proporcionó una mejor comprensión del perfil de la población y reveló una gran desproporción en la cuestión del género en enfermería, ya que la mayoría de los graduados de esta escuela son mujeres, que es parte del fenómeno de la feminización de la enfermería, de la consolidación del paradigma de la enfermería moderna.

**Palabras clave:** Historia de la Enfermería, Hombres; Cultura de los Cuidados.

## RESUMO

Diversos autores pontuam que a presença masculina na enfermagem foi significativa em determinados momentos e contextos históricos, estes ou eram religiosos movidos pela devoção e caridade, ou eram militares levados pela obediência às ordens superiores ou necessidades bélicas. Devido a este fato, destaca-se a importância de estudos sobre o gênero em enfermagem, tendo como objetivos identificar e analisar quais foram os homens egressos da Escola de Enfermagem da USP, formados no período de 1950 a 1990. Como material e método, ressaltou-se que a coleta de dados ocorreu após a obtenção do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, sendo utilizado, para tanto, um instrumento previamente elaborado e as informações foram obtidas por intermédio das fichas de ingresso de ex-alunos junto ao Serviço de Graduação da referida Escola, possibilitando, desse modo, o levantamento de dados sócio-demográfico relativos à população alvo do estudo, no que tange à nacionalidade, etnia, religião, estado civil, considerando-

se, também, a proporcionalidade entre homens e mulheres formados nessa Escola. Quanto aos pais dos ex-alunos estudados, foram identificados dados relacionados ao grau de instrução e profissão. O estudo possibilitou uma melhor compreensão sobre o perfil da população e revelou uma grande desproporcionalidade na questão do gênero em enfermagem, pois a maioria absoluta dos egressos desta Escola é composta por mulheres, sendo este parte do fenômeno da feminização da enfermagem, a partir da consolidação do paradigma da enfermagem moderna.

**Descritores:** História da Enfermagem, Homens, Cultura dos Cuidados.

## INTRODUÇÃO

A presença masculina na enfermagem foi significativa em determinados momentos e contextos históricos, como destacam alguns autores o fato de que a enfermagem era considerada uma ocupação masculina outrora. (Vestal, 1983; Oguisso, 2007). Em tempos de guerra, epidemias ou calamidades, homens cuidavam dos doentes e dos feridos.

Segundo Paixão (1951) e Vargens (1989), a história da enfermagem é rica em citações sobre homens que significaram marcos importantes na evolução da enfermagem como profissão, mas estes ou eram religiosos movidos pela devoção e caridade, ou eram militares levados pela obediência às ordens superiores ou necessidades bélicas, ou mesmo médicos na busca de auxiliares para o seu trabalho.

O homem aparece, então, na enfermagem, em decorrência da grande influência das ordens religiosas e militares, pela necessidade da força física nas áreas da psiquiatria e ortopedia ou por outro motivo como a separação dos pacientes em enfermarias, conforme o sexo, ou seja, era necessária a presença masculina na enfermagem para atender a urologia. Desse modo, percebe-se a importância do aspecto cultural na assistência, o que poderá ter influenciado na manutenção da figura do homem na enfermagem para tratar dos doentes do mesmo sexo. (Pereira, 1991).

Durante muito tempo, a História, como a história de todos os homens (essencialmente política,



vista de cima e escrita por grupos hegemônicos secularmente instituídos, oriundos do velho mundo) caracterizava a única possibilidade de verificação do passado. Hermeticamente fechada, sua escrita identificava como históricos somente grandes feitos realizados por homens ilustres, auto-intitulados condutores da história. Os inominados (mulheres e homens comuns) eram considerados pouco interessantes para a história. Assim, não merecendo a atenção dos historiadores, esses sujeitos comuns eram relegados, excluídos ou postos à margem por assumirem posições consideradas inferiores.

No Brasil, a escrita de uma história menos generalizante, valorizada muito mais pelo modelo teórico-filosófico em detrimento das experiências humanas, aconteceu sob o signo da interdisciplinaridade. Em consonância com outros países, a produção historiográfica nascida da recusa de uma história tradicional, preconizava que historiadores, ao escrever a história, não poderiam privilegiar o grande tempo dos acontecimentos, selecionar fatos considerados relevantes (fundados no econômico) e escrever uma história generalista, esquemática.

Para tanto, era preciso escrever uma história a contrapelo, que narrasse experiências vividas por homens e mulheres, seus feitos, sua cotidianidade, como propunham os historiadores ingleses ligados a “new left” ou os franceses da “nouvelle histoire”. Os movimentos de historiadores interessados na ampliação do universo de análise e de referência histórica contribuíram, nesse sentido, ao conquistar novos objetos, novas abordagens e problemas de investigação acerca das experiências humanas, ampliando, sobremaneira, o ofício do historiador.

Neste processo de consolidação para uma nova história, as mulheres foram assumindo um papel de destaque na sociedade e nas profissões. Sendo assim, no bojo das transformações da história das mulheres destituíram-se limites que encerravam o passado e as pessoas que dele participaram na esteira das ações masculinas, quase nunca mencionadas pela historiografia dominante; até então, as mulheres eram consideradas subalternas, diminuídas em suas ocupações e afazeres até pouco dantes à época em que se detinham às atividades do recôndito doméstico.

A mulher assumiu lugares diversos, destacando-se no âmbito social. Contudo, sua participação no processo histórico sofreu (e ainda sofre) imposições da dominação masculina. Exemplar, nesse sentido, é a profissionalização da enfermagem. A história da enfermagem moderna revela forte influência da dominação masculina na construção histórica da arte e ciência do cuidado: as enfermeiras eram simbolicamente identificadas como dóceis, frágeis, carinhosas e abnegadas (exaltando a fragilidade e vulnerabilidade feminina, ao mesmo tempo em que representava o hospital como extensão do lar), como “religiosas sem o hábito”. Com isto, há um enaltecimento da idéia de submissão como inerente à condição feminina, ou ainda como grande mãe, que é representação erigida no seio dos grandes conflitos bélicos que assolaram o século XX. Assim, mesmo reconhecidos, os lugares assumidos pelas mulheres reiteravam estereótipos que as sub-julgavam (Oguisso, 2007).

Ainda que perpassada por pré-conceitos, é possível afirmar que a profissionalização da enfermagem teve papel preponderante na emancipação feminina. Todavia, ao reiterar à ação do cuidado a partir das qualidades da feminilidade (nem sempre compatíveis e aceitáveis pelas mulheres, sobretudo as que negam a natureza) a profissionalização e o modelo proposto originalmente por Florence Nightingale (1820-1910) implicava, na verdade, em construções discursivas que, em última instância, visavam controlar e esquadriñar as mulheres; como nos relata Élizabéth Badinter em seu livro “O Mito do Amor Materno” (Oguisso, 2007; Porto, Amorin, 2007).

A história da enfermagem sugere muitos questionamentos, alguns ainda sem respostas. A femi-

nilização do cuidado é um dos problemas que passam a historiografia sobre o tema, que raramente considera o período pré nightingaleano. Quando reconhecido, enaltece a marginalização das cuidadoras, as quais eram vistas como prostitutas, delinquentes ou prisioneiras, não abarcando a presença negra ou masculina (amas, babás, monges, pastores, soldados, padres, religiosos), tampouco manifestações culturais assentadas na prática da cura e do que hoje identificamos como assistência (Abrão, Almeida, 2007).

Esse pano de fundo introdutório nos possibilita problematizar a questão do gênero em enfermagem, a partir da seguinte indagação: Qual a relação numérica entre homens e mulheres egressos da Escola de Enfermagem da USP, tendo em vista o fato de que essa Escola se insere em contexto de profissionalização da enfermagem moderna e no bojo do movimento de feminilização dessa profissão? Para responder a essa indagação, faz-se necessário recrudescer os estudos históricos acerca da enfermagem como um campo legítimo da formação profissional.

O objeto desta pesquisa é o cotidiano dos homens na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), no período de 1950 a 1990. Foi definido como marco inicial do estudo o período posterior à vigência da Lei 775/19496, que dispõe sobre o ensino de enfermagem no Brasil. Este período foi marcado por diversas transformações no setor político e econômico do país. O ano de 1950 foi caracterizado pelo retorno de Getúlio Vargas à presidência que, com apoio popular, criou empresas estatais e monopolistas, que atuavam em todas na área de infra-estrutura como: petróleo, eletricidade e siderurgia. (Ministério da Saúde, 1974).

Segundo Caldeira, Carvalho, Marcondes, Paula (1997), no âmbito da saúde, Vargas sancionou, em 1953, a Lei 1920, que criou o Ministério da Saúde, ao qual foram transferidos todos os órgãos e serviços do antigo Ministério da Educação e Saúde, atinentes à saúde e à criança, sendo, então, desmembrados os que exerciam atividade em comum.

Em 1954, o avanço do Estado na economia passou a gerar fortes reações contra o presidente. Tal revolta não conseguiu derrubá-lo do poder, mas após o atentado sofrido por Carlos Lacerda, um de

seus maiores opositores, Vargas teve seu cargo abalado, preferindo o suicídio à renúncia.

No ano seguinte, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente, sendo seu governo pautado em um Plano de Metas, em que estavam definidas as prioridades e identificados os pontos críticos a serem superados com urgência, além da construção de uma nova capital na região central do país. O país cresceu consideravelmente durante o governo de Juscelino, pois foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico (Fausto, 2000).

Este último autor menciona que a Lei 775/1949, que regulamentou o ensino de enfermagem no país, constituiu-se em um marco na história da enfermagem brasileira e encerrou a vigência do Decreto 20.109/1931 que concedia à Escola de Enfermagem Anna Nery, o privilégio de constituir-se como “padrão oficial” para as demais escolas de enfermagem brasileiras (Fausto, 2000).

Segundo Certeau (2005), o alcance do conhecimento em relação às práticas cotidianas, as quais estão na dependência de um grande conjunto, não é uma tarefa de fácil delimitação. Assim, o presente estudo busca resgatar a memória da cotidianidade de homens egressos da EEUSP, por intermédio do acesso aos registros e fontes documentais, em especial as fichas dos ex-alunos nos arquivos do Serviço de Graduação da referida instituição de ensino superior.

A justificativa para a consecução deste estudo representa uma contribuição à pesquisa institucional e porque permite a (re)construção da história dessa escola. Assim, as produções de novos conhecimentos sobre a trajetória histórica da EEUSP e a inserção do homem nesse processo sinalizarão para outros estudos em História da Enfermagem a serem desenvolvidos por alunos de graduação e pós-graduação. E, na medida em que “a memória coletiva, além de uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”. Por conseguinte, a presente investigação pretende contribuir para a visibilidade à missão de formação e capacitação de gerações de enfermeiros e enfermeiras, imprimindo uma tônica característica à identidade social dessa Escola.

O presente estudo tem como objetivos identificar e analisar os homens formados na Escola de

Enfermagem da Universidade de São Paulo, no período de 1950-1990, segundo o ano de formados, estabelecendo relação de proporcionalidade entre os egressos homens e mulheres formados nessa escola.

## MATERIAL E MÉTODO

Após a concessão do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa e a autorização da Diretora da EEUSP, procedeu-se à coleta de dados sócio-demográficos, utilizando-se instrumento específico para identificar os homens egressos da Escola, no período delimitado para essa investigação. Para tanto, foram agendados várias reuniões de trabalho junto ao Serviço de Graduação, a fim de, gradativamente, ir-se coletando cada informação. Assim, foi levantada cada ficha dos ex-alunos junto ao Serviço de Graduação, o qual dispõe dos registros do ingresso à conclusão do curso de Bacharelado em Enfermagem. Esse serviço é responsável pela matrícula do aluno, controle de frequência, dentre outras atribuições. Também possui dados concernentes aos alunos, tais como: endereços, telefones, fotos, documentos, assinaturas e avaliações de alunos e ex-alunos. Após o preenchimento do instrumento mencionado, procedeu-se à sistematização dos resultados por meio do programa Excel, sendo, em seguida, confrontados e analisados os resultados. Cabe pontuar que nesse percurso, a historiografia existente que trata dos ex-alunos formados nessa escola, o livro da Profa Dra. Amália Correa de Carvalho elencou turmas e nomes de ex-alunos. Com essas informações, buscou-se o apoio do Conselho Regional de Enfermagem, que forneceu os dados para localização dos enfermeiros formados nesse período, com o intuito de realização de um futuro projeto de investigação com a utilização de entrevistas com aqueles enfermeiros que se dispuserem a participar de um banco de dados sobre os homens formados nessa instituição.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados nos possibilitaram conhecer o perfil sócio-demográfico da população estudada. O gráfico, a seguir, mostra a distribuição dos homens que se formaram na EEUSP, no período de 1950 a 1990, em relação às seguintes variáveis: nacionalidade, etnia, religião, estado civil, considerando-se,

também, a proporcionalidade entre homens e mulheres formados nessa Escola em diferentes décadas. O gráfico seguinte pontua a distribuição da população por décadas.

Na década de 1950, formaram-se 5 homens na EEUSP; na década seguinte, foram 4; na década de 70, foram 14 e na subsequente, foram 13, chegando a um total de 36 enfermeiros formados no período estudado, o que representa menos de 1 enfermeiro formado / ano (Gráfico 1).

A variável que será apresentada e discutida, a seguir, refere-se à origem étnica da população estudada. Há quem considere que desconhecemos as etnias, em especial a etnia negra, que abriram as trilhas da profissão da enfermagem e como isto foi feito, pois, também, é desconhecida a história de vida de mulheres e homens negros no que se refere à vocação, à ascensão social (ou não) e às relações étnicas no âmbito da profissão da enfermagem e do sistema de saúde. (Cruz, Sobral, 1995).

De um total de 36 homens formados na EEUSP, no período já mencionado, percebe-se que a grande maioria de enfermeiros formados se declarou pertencente à etnia branca (31); 2 enfermeiros declararam pertencerem à cor morena; 2 outros têm cor amarela (descendentes de orientais) e apenas 1 enfermeiro se declarou ser negro. Consta-se, portanto, que a acessibilidade de pessoas que se declararam não brancas ao curso de enfermagem da EEUSP, no período estudado, é significativamente baixa (Gráfico 2).

Segundo Werneck, Vieira (2009), uma análise comparativa dos censos brasileiros, demonstra que a população amarela decresceu, no período de 1940 a 2000, da ordem de 0,6% (242.319) para 0,4% (716.583). No censo de 1940, não havia classificação para indígenas, porém em 2000, essa classificação estava presente e correspondia, na época, a aproximadamente 0,4% da população brasileira. A região nordeste concentrava, em 1940, a maior proporção de negros do país (19,6%), sendo mantida essa liderança em 2000, apesar de a proporção ter caído para 7,7%. A região Sul concentrava 89,4% dos brancos em 1940 e 83,6% em 2000. O aumento dos pardos ocorreu em todas as regiões.

Nota-se que a quantidade de solteiro é bem

maior que a de casados, sendo de 35 solteiros e 1 único casado, no total de homens que ingressaram no curso de enfermagem da Universidade de São Paulo, no período estudado. A média da idade dos homens ao ingressarem na EEUSP foi em torno de 23 anos. Estima-se que com as mulheres, a média da idade, ao ingressarem na mesma escola é mais baixa, em torno de 18 anos (Gráfico 3).

Em relação à escolha religiosa declarada pela população estudada, percebe-se que a maioria dos enfermeiros se declarou católico. Nesse sentido, a população brasileira era considerada católica por muitas décadas. Entretanto, esse perfil da população, em geral, modificou-se, tendo em vista vários fatores, dentre os quais a questão religiosa entre Estado e Igreja no contexto da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Assim, a separação Igreja e Estado aconteceu devido ao fato da união entre o trono e o altar, que estava prevista na Constituição de 1824, ser ponto de discórdia e conflito entre as correntes de pensamento da época, pois cabia ao Estado nomear os sacerdotes e pagar suas despesas; portanto, na prática, as bulas papais teriam efeito somente se o Imperador assim o permitisse.

Podemos perceber que a única religião declarada foi católica. Cabe ressaltar que a ficha de admissão dos estudantes na Escola foi modificada no tópico concernente à opção religiosa, em 1977. Portanto, esse dado não pode ser mais obtido a partir daquela data, sendo essa a justificativa, para o número exacerbado de “não informantes” (Gráfico 4).

Segundo o senso do IBGE, o Brasil apresentou uma diminuição da porcentagem dos católicos, de 83,8% (1991) para 73,8% (2000); em números absolutos, os católicos aumentam de 121,8 milhões (1991) para 125 milhões, no ano de 2000. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000).

O Brasil é constituído por uma federação de 26 Estados e um Distrito Federal, com 5 regiões distintas e 8,5 milhões de quilômetros quadrados<sup>13</sup>, aproximadamente. Esta distribuição geográfica continental propiciou certas desigualdades e diversidades culturais no país, inclusive no que tange à questão do acesso à formação universitária, sendo algumas regiões como a sudeste, na qual se insere o Estado de São Paulo, uma das mais desenvolvidas, industrial e economicamente.

Quanto à variável procedência dos homens egressos da EEUSP, percebe-se que há uma predominância daqueles provenientes da região sudeste, a mais rica economicamente no país, na qual se localiza a EEUSP, mais especificamente o Estado de São Paulo. Assim, os achados mostram que a maior parte dos enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, no período estudado, é proveniente do Estado de São Paulo (72,3%) de um total de 36 enfermeiros. Esta constatação pode estar relacionada ao fato da EEUSP localizar-se na região sudeste, o que propicia a opção por essa instituição devido a proximidade espacial em relação aos sujeitos pesquisados. Em contrapartida, outros enfermeiros são provenientes de Estados como Amazonas (1), Bahia (1), Santa Catarina (2), Paraíba (1), Rio Grande do Sul (1), além de estrangeiro, advindo de Portugal, por ser um país, também, de língua portuguesa e, finalmente, três enfermeiros são provenientes de Minas Gerais, o que é compreensível dada a proximidade com o Estado de São Paulo (Gráfico 5).

Do total de 36 enfermeiros formados na EEUSP no período, 12 deles responderam que ajudavam no sustento da família, à época de ingresso ao curso na nessa instituição (referindo colaborarem no sustento da mãe, de irmãos e/ou esposa); 2 deles eram auxiliares de enfermagem. Outras 9 pessoas não tinham esse tipo de responsabilidade, ou seja, não eram “arrimos de família”. A maioria não forneceu informação sobre este tópico, porque talvez não lhes tenha sido indagado, o que nos leva a inferir que é devido à exclusão desta pergunta na ficha de ingresso do candidato ao curso de enfermagem, o que teria acontecido no ano de 1977, ao ser excluído essa pergunta na referida ficha.

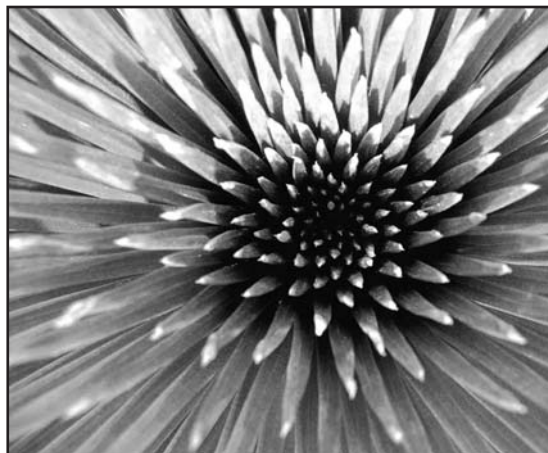
Cabe pontuar que 3 enfermeiros declararam que dispunham de recursos financeiros pessoais para custear as próprias despesas, pois já trabalhavam na época do ingresso na EEUSP; 4 enfermeiros requereram bolsas de estudos durante a graduação; 3 pessoas foram sustentadas financeiramente pela ordem religiosa a que pertenciam (pois eram religiosos) e 4 pessoas disseram que foi a família quem os sustentou durante a graduação. Do total de homens formados na EEUSP, no período, foram identificadas 21 situações de não informação sobre esta variável, provavelmente pelo motivo pontuado anteriormente, qual seja a

exclusão deste tipo de pergunta na ficha de admissão.

Considerando-se a natureza jurídica de instituição pública de ensino superior, a Universidade de São Paulo, e particularmente, a Escola de Enfermagem, não havia a obrigatoriedade de pagamento de mensalidades pelos estudos. Percebe-se, outrossim, que a maioria dos entrevistados não possuía recursos financeiros para se sustentar, o que revelou a dependência econômica em relação aos pais ou parentes próximos (como irmãos) ou outros (como ordem religiosa a que pertenciam). Neste último caso, foram 3 entrevistados que manifestaram tal situação, pois à época da realização do curso de bacharelado em enfermagem na EEUSP eram pessoas ligadas a uma determinada ordem religiosa, que os sustentava financeiramente e não precisavam trabalhar para se manter. Um fato importante que levava o a ser sustentado por alguém, era (e continua sendo) o fato do curso de enfermagem da EEUSP ser integral (das 8 as 18), por isso a dificuldade de se trabalhar e fazer a faculdade concomitantemente.

A maioria dos enfermeiros participantes dessa investigação tinha pais brasileiros (53); outros eram filhos de pais de origem japonesa (4), de origem libanesa (2), bem como eram portugueses (3) ou italianos (2). Deste total, 4 homens e 3 mulheres (mães) eram falecidos. Observou-se que apenas 1 pessoa não havia informado sobre a nacionalidade dos pais (Gráfico 6).

No Brasil, o auge da imigração internacional ocorreu entre 1891 e 1900, associado principalmente ao fluxo europeu no pós-guerra. O censo de 1940 revelou a presença de 1,406 milhão de estrangeiros (3,4 % da população brasileira). Sessenta anos depois, o Brasil tinha 683,8 mil imigrantes residentes. A proporção que inclui estrangeiros e naturalizados, caiu para 0,4% da população. De 1880 a 1930 chegaram ao País cerca de 5 milhões de imigrantes. De 1950 a 1959, 203,4 mil pessoas vieram para o País, quase metade (43,6%) saída da Europa. O Censo de 2000 mostrou que 495 (9%) dos 5.507 municípios brasileiros tinham japoneses, principalmente em São Paulo e no Paraná; e que 6,1% tinham portugueses, especialmente Rio e São Paulo. O Sudeste alcançou quase o dobro da média nacional na proporção de estrangeiros que escolheram o País para morar antes do censo de 1940. O



maior peso foi dado pelo Estado de São Paulo, que desde o fim do século 19 atraiu grande quantidade de imigrantes europeus. O Nordeste praticamente não atraiu imigrantes até 1940. (Werneck, Vieira, 2009).

Outra variável pesquisada refere-se ao grau de instrução dos pais dos enfermeiros estudados. Os resultados revelaram que a maioria dos pais dos 36 homens formados na EEUSP, no período, tinha grau de instrução primária (total de 24); 6 pais possuíam o ensino médio e apenas 1 realizou o ensino superior. Do total de sujeitos investigados, 5 não haviam informado o grau de instrução dos pais ou se estes eram falecidos. Podemos inferir que para a maioria das famílias dos enfermeiros alvo desse estudo, o fato do filho graduar-se em enfermagem era uma ascensão social, uma vez que vinha de uma família onde o pai, em sua maioria era de instrução primária, sendo um avanço do ensino primário dos familiares para o superior.

Quanto às mães, a maioria destas possuía a instrução primária (29 do total); sendo 3 delas de nível educacional médio, ou seja, possuíam o que corresponde, atualmente, ao 2º grau. Apenas 1 pessoa não era alfabetizada e 3 enfermeiros não informaram sobre o grau de instrução de suas mães na ficha de ingresso ao curso de enfermagem ou estas eram falecidas à época. Com isso, a maioria dos enfermeiros egressos desta Escola de Enfermagem, no período delimitado na presente investigação, era proveniente de famílias com baixo nível de escolaridade. Portanto, esse resultado revela que a procedência familiar, em geral, da população estudada, reflete um ambiente com baixa escolaridade

e a graduação em enfermagem pode representar uma maneira de ascender em níveis educacional e social.

Em relação à distribuição das atividades laborais dos pais dos enfermeiros formados, à época que estes ingressaram na EEUSP, os achados mostraram que a maioria exercia profissões que não necessitavam de uma escolaridade além do primário, à exceção de um pai que possuía o ensino superior (no caso, medicina); as demais profissões elencadas no estudo não requeriam sequer ensino médio na época. Quanto às mães, constatou-se que 28 delas eram donas de casa, o que sugere que na maioria das famílias, o homem era o provedor, economicamente. Entretanto, algumas mães tinham ocupações de costureira (1); professora (1) e a mãe de um deles era aposentada. Cabe pontuar que não foi informada a profissão de outras 5 mães nas fichas de ingresso na Escola.

Na década de 1950, o número de homens formados na EEUSP perfazia o montante de cinco para o total de 220 formados (5/220). Em termos proporcionais, observa-se que, em média, para cada enfermeiro que se graduava, formavam-se 44 enfermeiras.

Na década de 1960, o número de homens formados na EEUSP perfaz o total de quatro (4/310). Para cada enfermeiro que se formava, graduavam-se 77,5 enfermeiras. Na década seguinte, o número de homens formados na EEUSP perfaz o total de catorze (14/677). Para cada enfermeiro que se formava, graduavam-se, aproximadamente, 48 enfermeiras.

Na década de 1980, incluindo o ano de 90, o total de homens formados na EEUSP corresponde a treze (13/759). Para cada enfermeiro que se formava, graduavam-se, aproximadamente, 58 enfermeiras.

Ainda em relação à questão do gênero, o gráfico seguinte mostra a relação homem e mulher no que tange à EEUSP no período de 1950 a 1990.

O total de enfermeiros e enfermeiras formados (as), no período estudado perfaz o montante de 1966. Esse contingente engloba os formados em bacharelado em enfermagem e nas habilitações de enfermagem em centro cirúrgico, obstetrícia e saúde pública. Deste total, graduaram-se 36 homens nesse curso. Portanto, a média proporcional é de 1 enfermeiro para, aproximadamente, 54,6

enfermeiras (Gráfico 7).

Observa-se, portanto, uma desigualdade numérica significativa entre homens formados na EEUSP, em relação ao gênero feminino. Tal fato é constatável pelo comentário de um jornal da época, mais precisamente na década de 1940, da Faculdade de Medicina (FMUSP), acerca do ingresso de um rapaz no curso de Enfermagem da referida Escola de Enfermagem da USP. O texto do jornal trata o fato nestes termos:

“Congratulamo-nos com o sexo forte por ter, enfim, conseguido lançar uma cabeça de ponta na E.E.(fazendo menção à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo), pois acaba de ingressar na mesma um moço (Homem, mesmo!!!). A notícia, como era de se esperar causou preocupações entre os galãs, namorados ou noivos e mesmo entre os neutros. Porém, a reportagem na sala 4048 acaba de apreçoar a seguinte notícia tranquilizadora: “o rapaz é distinto e 'externo!!!’ (upa!?!). K.K” . (Jornal O Bisturi, 1947).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Sauthier, Carvalho (1999), os estudos históricos podem corroborar para a compreensão da trajetória profissional, além da memória e da identidade da profissão da enfermagem, bem como as representações e significados que têm sido, socialmente, atribuídos ao enfermeiro e ao que ele faz. Assim, a história da enfermagem permite-nos desvelar transformações da profissão e compreender movimentos da construção / desconstrução e reconstrução do passado, na perspectiva do resgate e da preservação da memória coletiva.

A noção de que a história é algo velho, pronto e acabado está sendo superada por uma visão mais dinâmica do seu mister na re(construção) da memória ou do passado, ou melhor, das ações humanas, pois o próprio ser humano faz a história como agente de transformações. Ademais, a história pode ser vista como um instrumento de legitimação, sendo importante conhecê-la e analisar criticamente como se constrói a representação social de um determinado grupo social, (como é o caso da enfermagem), desvelando-se significados atribuídos à questão da presença masculina na enfermagem, bem como encarando mitos acerca dessa presença e o papel do homem no contexto dessa profissão.



Sendo assim, os resultados dessa investigação contribuíram para o resgate da memória da história da EEUSP, identificando o perfil sócio-demográfico dos homens formados nessa instituição. No que tange à discussão de gênero na enfermagem, novos horizontes de pesquisa poderão ser alargados, a fim de descortinar a identidade e memória dos homens e das mulheres, que de modo coletivo, constituem as reminiscências invocadas pelos profissionais egressos da profissão.

## BIBLIOGRAFÍA

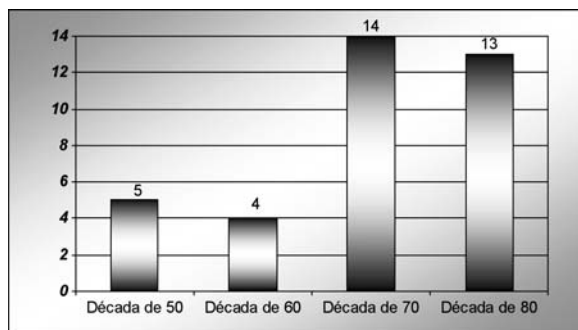
- Abrão FMS, Almeida MCP. (2007). Primórdios da enfermagem profissional na cidade do Recife - Pernambuco. Recife: Ed. Universidade de Pernambuco.
- Caldeira J, Carvalho F, Marcondes C, Paula SG. (1997). Viagem pela História do Brasil. 2ª ed. São Paulo. Brasil. Companhia das Letras.
- Certeau M. (2005). A Invenção do Cotidiano. Brasil. 11ª ed. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes.
- Cruz ICF, Sobral VRS. (1995). Nem Ladies, nem Nurses: Sinhazinhas e Mucamas. Por uma re-visão da história da enfermagem brasileira (e do Sistema de Saúde). Trabalho apresentado na IV Semana Científica de Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense. Niterói. Brasil e 8º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem (SENPE).
- Fausto B. (2000). História do Brasil. São Paulo. Brasil. Universidade de São Paulo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico do ano de 2000 - Características Gerais da

População: Resultados da Amostra. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm) Consultado em 5/10/2009.

- Jornal "O Bisturi". N. 49, Ano XV, São Paulo, abril de 1947. Na Escola de Enfermagem. Museu Carlos Lacaz - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Brasil.
- Ministério da Saúde (BR) Enfermagem: Legislação e Assuntos Correlatos. (1974). 3ª ed. Rio de Janeiro. Brasil.
- Oguisso T. (2007). Trajetória histórica e legal da enfermagem. São Paulo: Brasil. Manole.
- Paixão W. (1951). Páginas da história da enfermagem. Rio de Janeiro: Ed. Universidade do Brasil.
- Pereira A. (1991). Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão. Acta Paul Enferm; 4 (2/4): 49-54
- Porto F, Amorim W. (2007). História da enfermagem brasileira. Lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Ed. Águia Dourada.
- Sauthier J, Carvalho V. (1999). A Missão Parsons: documentos históricos da Escola de Enfermagem Anna Nery / Universidade Federal do Rio de Janeiro - 1922 a 1931. Rio de Janeiro. Brasil.
- Vargens OMC. (1989). O homem enfermeiro e sua opção pela enfermagem. [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Brasil.
- Vestal C. (1983). Men nurses: Who needs them? Imprint; 30(2): 55-9.
- Werneck F, Vieira M. (2009). População está mais mestiça e evangélica. Publicado no Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em [http://www.ccr.org.br/a\\_noticias\\_detalhes.asp?cod\\_noticias=753](http://www.ccr.org.br/a_noticias_detalhes.asp?cod_noticias=753)

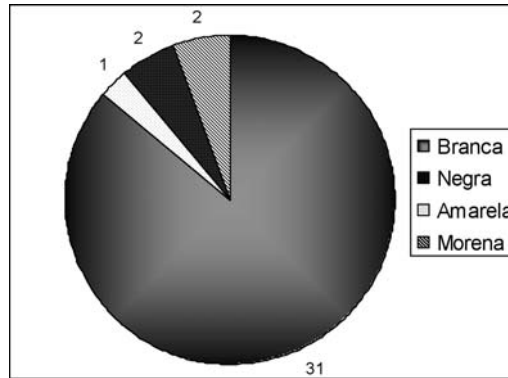
Consultado em 24/09/2009.

**Gráfico 1** - Distribuição dos enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da USP nas décadas de 1950 a 90. São Paulo. 2009.



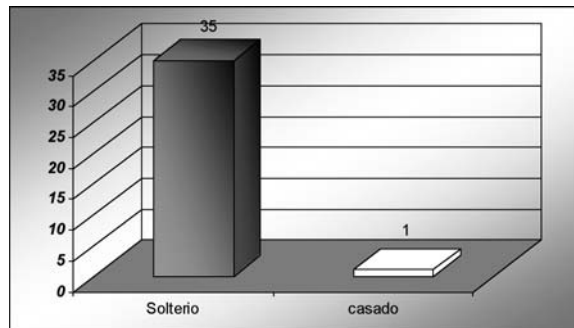
Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.

**Gráfico 2** - Distribuição do contingente de enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da USP nas décadas de 1950 a 90, segundo a etnia. São Paulo. 2009.



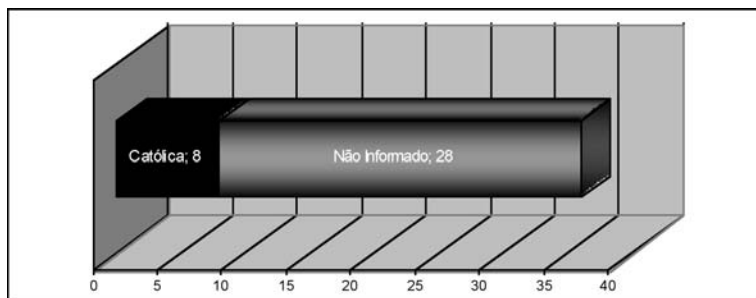
Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.

**Gráfico 3** - Distribuição do contingente de enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da USP nas décadas de 1950 a 90, segundo o estado civil à época da admissão no curso de enfermagem. São Paulo. 2009.



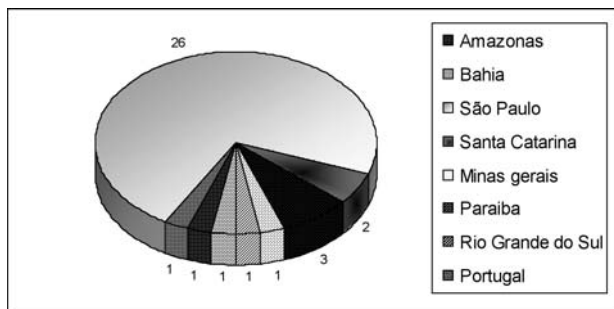
Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.

**Gráfico 4** - Distribuição do contingente de enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da USP nas décadas de 1950 a 90, segundo a escolha religiosa à época da admissão no curso de enfermagem. São Paulo. 2009.



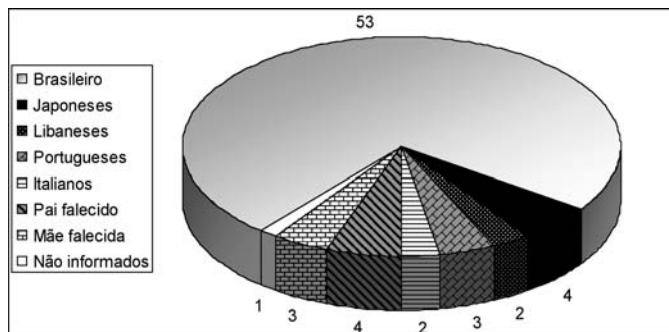
Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.

**Gráfico 5** - Distribuição do contingente de enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da USP nas décadas de 1950 a 90, segundo a procedência à época da admissão no curso de enfermagem. São Paulo. 2009.



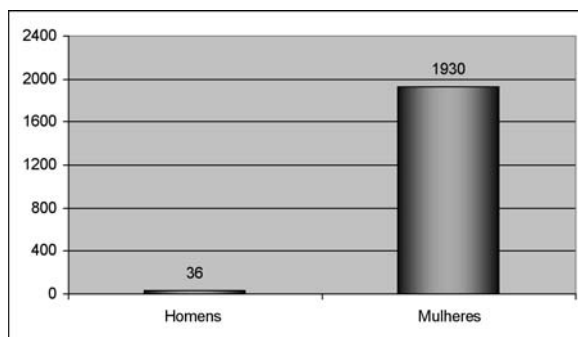
Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.

**Gráfico 6** - Distribuição dos pais dos enfermeiros formados na Escola de Enfermagem da USP nas décadas de 1950 a 90, segundo a nacionalidade. São Paulo. 2009.



Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.

**Gráfico 7** - Distribuição do número de estudantes formados na Escola de Enfermagem da USP relacionada ao gênero, nas décadas de 1950 a 90. São Paulo. 2009.



Fonte: Serviço de Graduação da Escola de Enfermagem da USP, 2009.